

ão  
áfica  
gem  
énica

---

Katalin Deér  
Filip Dujardin  
JH Engström  
Guido Guidi

raphic  
ion  
genic  
cape

# Ficha técnica / Colophon

---

Catálogo publicado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, por ocasião da exposição Missão Fotográfica, Paisagem Transgénica organizada pela Escola de Arquitetura da Universidade do Minho e pela TecMinho, comissariada por Pedro Bandeira e Paulo Catrica, no âmbito ciclo "Escalas e Territórios" do programa Arte e Arquitetura de Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura da responsabilidade de Gabriela Vaz-Pinheiro.

Catalog published by Imprensa Nacional-Casa da Moeda, on the occasion of the exhibition Photographic Mission, Transgenic Landscape, organized by the Architecture School of Minho University and TecMinho, curated by Pedro Bandeira and Paulo Catrica integrating the cycle "Scales and Territories", within the Art and Architecture programme of Guimarães 2012, European Capital of Culture devised by Gabriela Vaz-Pinheiro.

Publicado por / Published by:  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM), Escola de Arquitetura da Universidade do Minho (EAUM), Fundação Cidade de Guimarães (FCG)

© 2012, EAUM, FCG e autores / 2012, EAUM, FCG and contributors.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou utilizada sob qualquer forma, eletrónica, mecânica ou outra, sem o conhecimento e autorização por escrito da Fundação Cidade de Guimarães. / All rights reserved. No part of this book may be reproduced or utilized in any form, electronic, mechanical or other, without permission in writing from Fundação Cidade de Guimarães.

Editores / Editors:

Pedro Bandeira, Paulo Catrica

Fotografia / Photography:

Katalin Deér, Filip Dujardin, JH Engström, Guido Guidi

Textos / Texts:

Pedro Bandeira, Paulo Catrica, Álvaro Domingues, Joaquim Moreno, Paula Pinto, Gabriela Vaz-Pinheiro

Revisão de Textos / Proofreading:

Teresa Godinho (PT), INCM (PT), Nuno Ventura Barbosa (EN)

Tradução ou versão inglesa /

Translation or english version:

Joaquim Moreno, João Oliveira, Gabriela Vaz-Pinheiro

Design Gráfico / Graphic Design:

R2 (Lizá Ramanho, Artur Rebelo)

Tipo de letra / Typeface:

Fugue, Radim Pesko

Impressão e Acabamento /

Printing and Binding:

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Palavras Chave / Keywords:

Missão Fotográfica /  
Photographic Mission;  
Paisagem Transgénica /  
Transgenic Landscape;  
Guimarães, Vale do Ave

Depósito legal / Legal deposit:

340394/12

ISBN:

978-972-27-2050-2

Edição n.º:

1018708

# Missão Fotográfica: Paisagem Transgénica

---

Arquitetura digital, paisagens analógicas, lugares  
intemporais e estratégias *snapshot*

O centro histórico de Guimarães foi classificado como Património da Humanidade há cerca de dez anos. No entanto, para lá deste centro imaculado, a cidade não conhece limites, imiscuindo-se com cidades vizinhas e conformando o que se denomina genericamente por Vale do Ave, território que o geógrafo Álvaro Domingues classificou como “paisagem transgénica”. Este crescimento espontâneo de forma dispersa esconde, sob a sua aparência caótica, uma organização improvável resultado da diversificação de atividades económicas. Entre estas atividades destaca-se a indústria têxtil, que se estruturou, desde muito cedo, ao longo do rio Ave e do seu afluente Vizela. Com o auge da indústria têxtil nos anos 1980, a paisagem bucólica e pitoresca do Vale do Ave cedeu à imagem de um rio poluído por água tingida de vermelho.

Paradoxalmente, a conclusão das infraestruturas de saneamento e tratamento de águas residuais coincidiu com o declínio da indústria têxtil, incapaz de competir com um mercado asiático e global, ainda menos exigente ao nível dos compromissos sociais. Por ironia, na foz do rio Ave, a sul de Vila do Conde, encontramos a maior *china town* portuguesa, uma zona industrial transformada em armazéns retalhistas de distribuição de produtos *Made in China*. Moldada por este passado recente, a paisagem do Vale do Ave é povoada por inúmeras fábricas fechadas ou abandonadas, casas inacabadas, campos por cultivar que são atravessados por pontes e viadutos de autoestradas, espelhando o contraste entre uma economia real e uma economia especulativa. Uma paisagem que talvez seja a melhor metáfora para um país à beira da bancarrota.

Quando a Escola de Arquitetura da Universidade do Minho propôs à Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura o projeto de fotografar a região do Vale do Ave, a sua paisagem e arquitetura, um dos pressupostos que pareceu evidente foi o de os fotógrafos a convidar nunca terem trabalhado ou exposto em Portugal. Existem fotógrafos portugueses capazes de construir um projeto visual crítico e criativo sobre o território em questão, mas entendemos que o distanciamento cultural e geográfico relativamente ao território de Guimarães e do Vale do Ave poderia garantir uma perspetiva menos contaminada

pela proximidade. A escolha de Guido Guidi, Katalin Deér, JH Engström e Filip Dujardin deve-se ao entendimento que fizemos das suas práticas e ao modo como pensámos que poderiam contribuir para este projeto. Indo para além da hipótese meramente documental, a conjugação dos olhares destes autores pretende afirmar uma rutura com a ideia tradicional da *missão* fotográfica de paisagem e território.

Em 1851, a *Mission Héliographique* inaugurou o formato de encomendas institucionais de fotografias de arquitetura e paisagem. O objetivo era documentar o estado de conservação do património arquitetónico “histórico” da França novecentista, para o classificar e, posteriormente, restaurar. Este formato passou a ser recorrente e teve ambições e expectativas diferentes consoante o seu tempo histórico. Na esfera positivista, tiveram destaque as fotografias das expedições científicas ao Oeste americano dirigidas por Clarence King. Ou, após o *crash* da bolsa de Nova Iorque em 1929, o trabalho da *Farm Security Administration* com o propósito de documentar os efeitos na paisagem da primeira grande crise do capitalismo. O modelo institucional foi recuperado com a *Mission Photographique de la DATAR*, em 1984, uma iniciativa de grande escala que documentou – a partir de um duplo pressuposto artístico e crítico – a paisagem francesa num momento de fecho ou transição de um ciclo industrial.

Utilizar a palavra *missão* tem como objetivo filiar este projeto nesta herança da encomenda fotográfica sobre um território e, em simultâneo, evocar o paradoxo que o termo encerra. Ou seja, questionar a *missão* fotográfica como entidade e desconstruir as categorias-género convencionais da fotografia de arquitetura e paisagem foram aspetos que prevaleceram na escolha destes artistas, com *backgrounds*, discursos e interesses muito distintos.

A Guimarães de JH Engström é uma cidade autobiográfica, um diário, um roteiro que denuncia as rotinas do fotógrafo. Como estratégia de aproximação e criação de relações de proximidade com assuntos e lugares, Engström almoçou quase sempre no mesmo restaurante, revisitou os mesmos lugares e foi construindo a sua cidade imaginária. Seguindo uma edição cinematográfica/cinematográfica, no final de um dia de trabalho cada fotografia



encontrava a sua posição na página deste diário. Dípticos, trípticos, ou imagens soltas que se foram juntando, criando um lugar intemporal, visto através de um véu de cor que é uma característica do trabalho de Engström. No entender do autor, estas fotografias são um modo de repensar e de desconstruir a categoria do *cliché*, do "lugar comum e do imaginário coletivo". As personagens, o vestuário, a arquitetura, as máquinas, os animais, as pedras... nada pertence a um tempo preciso.

Tendo como hipótese explorar o limite das potencialidades da fotografia analógica, Guido Guidi pensa o *medium* como uma disciplina autónoma. Fotografa em grande ou médio formato e prefere expor os contactos das suas chapas de 20x25 cm ou pequenas ampliações a partir das 6x6 cm, fazendo concentrar no detalhe e na textura das fotografias a nossa atenção. No entanto, a agenda de interesses de Guidi não é propriamente *formalista*: nas suas fotografias a distância e a escala são elementos decisivos na recriação de uma plasticidade espacial única. Com a repetição, o mesmo assunto visto duas e três vezes, podemos observar as diferenças subtis de luz, cor ou foco que distinguem e descontextualizam objetos banais de tempos diversos. Guidi torna estranho o que nos é comum: a madeira, o cimento, o plástico são sujeitos a um processo de desfamiliarização que Viktor Shklovsky designou como *ostranenie*.

Enigmáticas, as imagens síntese de Filip Dujardin escondem uma parte do que de facto nos mostram. Primeiro, parece que nós fazemos descobrir aspetos de uma realidade que não conhecíamos. Depois, ao assimilarmos o simulacro do digital, voltamos a revistar o efeito da realidade que evocam. Como estas montagens não deixam lugar à casualidade, a realidade criada a partir dos fragmentos remete deliberadamente para uma arquitetura que de facto existe. A dicotomia entre cidade histórica consolidada e as periferias esbate-se e deixa de fazer sentido, as categorias subvertem-se: o castelo é uma fábrica e a fábrica um monumento que emerge na paisagem. Estes edifícios simbólicos que Dujardin constrói a partir de uma leitura arqueológica da realidade são o verdadeiro enunciado visual do *transgénico* – o único momento em que a separação formal de categorias – as do território e as da imagem/fotografia – deixa de fazer sentido.

Seguindo uma metodologia de deriva, Katalin Deér opera como um *flâneur* – não obstante o género masculino da palavra. Susan Sontag refere as máquinas de pequeno formato como a ferramenta que o *flâneur* prefere. O primeiro interesse de Deér pela arquitetura periférica reside nas propriedades escultóricas dos edifícios e da paisagem. Com uma estratégia *snapshot*, os enquadramentos que faz destes edifícios-assunto não obedecem a regras de composição precisas. A casualidade assenta na intenção de desconstruir as categorias e os géneros são reconhecidos como "fotografia de arquitetura". No entanto, nas páginas do livro, a recomposição deste *mondo* de fragmentos (re)cria paralelismos, associações e contrastes entre escala, assunto, realidade e ficção. Este ato de reconstruir para criar estende-se ao formato expositivo que Deér utiliza, ignorando o convencionalismo da moldura e da parede, talvez perseguindo a informalidade que encontramos na construção desta paisagem.

A realidade económica e social da presente crise não escapa a estas fotografias, a paisagem é sempre um enunciado cultural. Contrariando a *promessa* da fotografia documental como processo para construir um modelo interpretativo da paisagem, cuja ambição seria ver para reparar ou ordenar, a *Missão Paisagem Transgénica 2012* propõe criar um *lugar fotográfico* simultaneamente próximo e distante de Guimarães e do Vale do Ave. Maurice Hawllsbachs indicava as imagens do espaço físico como elementos cruciais para a definição do imaginário coletivo, as fotografias desta *Missão* talvez provoquem um efeito de rutura com o imaginário coletivo. Entre a "realidade" do analógico e a "ficção" do digital esta *Missão* pretende inscrever no imaginário coletivo outras fotografias e imagens e, em simultâneo, contribuir para o debate em torno do modo como as fotografias podem, ou não, formular um discurso crítico, poético, ficcional ou outro em torno da arquitetura, da paisagem e do território.